BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0115, p. 1/30
P-1100

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

PROC.- 110 LIV.- 01 PAG.- 51 REG.- 1614 Carimbo do S. C.	PEÇA TEATRAL "VARIAÇÕES SÔBRE UM MESMO TEMA" Autuação

Anexos:

Vários autores

Compilação de: ISABEL MARIA DE FREITAS SOARÉ

Distribuição

Interditada

M. J. N. — DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0115, p.2

M. J. — DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

PARECER DE CENSURA

PEÇA " VARIAÇÕES SOBRE O MESMO TEMA "

AUTOR (VARIOS) COMPILAÇÃO DE IZABEL MARIA DE FREITAS SODRÉ

INTERESSADO : DIRETÓRIO ACADÊMICO " NILO PEÇANHA "
FACULDADE DE FILOSOFIA DE CAMPOS- ESTADO DO RIO

CENSOR : JOSE AUGUSTO COSTA

A PEÇA É UM APANHADO DE VARIOS AUTORES DE POEMAS, TENDO A COMPILADORA SE PREOCUPADO EM EXPLORAR O TEMA LIBERDADE. PELO TEXTO APRESENTADO AO S.C.D.P. E PELO PARECER DO CENSOR MANOEL DE SOUZA LEÃO NETO , QUE O LEU ANTERIORMENTE , DEIXANDO DUVIDAS QUANTO A SUA CARACTERISCA ESQUERDISTA, ACHAMOS DE BOM ALVITRE E É AINDA UM PRECEITO LEGAL, QUE A SUA LIBERAÇÃO FIQUE NA DEPENDENCIA DE REPRESENTAÇÃO AO S.C.D,P OU A AUTORIDADE POR ELE CREDENCIADA NO ESTADO DO RIO.

ESTE É O MEU PARECER APOS TER LIDO O TEXTO DA PEÇA E O PARECER DO NOBRE COLEGA SOUZA LEÃO. A REPRESENTAÇÃO DA PEÇA A CENSURA SE FAZ NECESSARIO PARA SE ANALIZAR AS ENTONAÇÕES, GESTOS E MODOS REPRESENTATIVOS QUANTO AO TEXTO.

BRASÍLIA, 28 DE AGOSTO DE 1967

JOSÉ AUGUSTO COSTA
CENSOR FEDERAL B

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0115, p.3

Nesta hora de sol puro
palmas paradas
pedras polidas
claridades
faíscas
cintilações

Eu ouço o canto enorme do Brasil!

(Trecho do poema "Brasil" de Ronald de Carvalho)

CO. Vou fazer a louvação, louvação, louvação
Do que deve ser louvado, ser louvado, ser louvado
Meu povo preste atenção, atenção, atenção
Repare se estou errado
Louvando o que bem merece, deixo o que é ruim de lado
E louvo prá começar da vida o que é bem maior
Louvo a esperança da gente na vida prá ser melhor
Quem espera sempre alcança três vez salve a esperança
Quem espera sempre alcança três vez salve a esperança
Louvo quem espera sabendo
Que é prá melhor esperar
Procede bem quem não pára
De sempre mais trabalhar
Que só espera sentado
Quem se acha conformado
Tô fazendo a louvação, louvação, louvação
Do que deve ser louvado, ser louvado, ser louvado
Quem tiver me escutando, atenção, atenção
Que me escute com cuidado
Louvando o que bem merece bis
Deixo o que é ruim de lado

Louvo a paz prá ver na terra bis
Louvo o amor que espanta a guerra
Louvo a amizade do amigo que comigo há de morrer
Louvo a vida merecida de quem morre prá viver
Louvo a luta repetida da vida prá não morrer
Tô fazendo a louvação, louvação, louvação
Do que deve ser louvado, ser louvado, ser louvado

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0115, p.4

Que todos prestem atenção, atenção, atenção
Falo de peito lavado
Louvando o que bem merece } bis
Deixo o que é ruim de lado }
Louvo quem canta e não canta
Porque não sabe cantar
Mas que cantará na festa
Quando enfim se apresentar
O dia certo e preciso de tôda a gente cantar.
.....

(O final da Louvação será o fundo musical do poema de Geir Campos)

"Operário do canto, me apresento
sem marca ou cicatriz, limpas as mãos,
minha alma limpa, a face descoberta,
aberto o peito, e - expresso documento -
a palavra conforme o pensamento.
Fui chamado a cantar e para tanto
há um mar de som no búzio do meu canto.
Trabalho à noite e sem revezamentos.
Se há mais quem cante, cantaremos juntos;
Sem se tornar com isso menos pura,
A voz sobe uma oitava na mistura.
Não canto onde não seja a bôca livre,
Onde não haja ouvidos limpos e almas
afeitas a escutar sem preconceito.
Para enganar o tempo - ou distrair
criaturas já de si tão mal atentas,
não canto...
Canto apenas quando dança,
nos olhos dos que me ouvem, a esperança."

(Geir Campos - Da profissão do Poeta)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0115,p.5

A minha pátria é como se não fôsse, é íntima
Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo
É minha pátria. Por isso, no exílio
Assistindo dormir meu filho
Choro de saudades de minha pátria.
Se me perguntarem o que é a minha pátria, direi:
Não sei. De fato, não sei
Como, porque e quando a minha pátria
Mas sei que a minha pátria é luz, o sol e a água
Que elaboram e liquefazem a minha mágoa
Em longas lágrimas amargas.
Vontade de beijar os olhos de minha pátria
Deninã-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos...
Vontade de mudar as côres do vestido (auriverde) tão feias
De minha pátria, de minha pátria sem sapatos
E sem meias, pátria minha
Tão pobrinha!

.....

Ponho no vento o ouvido e escuto a brisa
Que brinca em teus cabelos e te alisa
Pátria minha, e perfuma teu chão...
Que vontade me vem de adormecer-me
Em teus doces montes, pátria minha
Atento à fome em tuas entranhas
E ao batuque em teu coração.
Não te direi o nome, pátria minha
Teu nome é pátria amada, é pàtriazinha
Não rima com mãe gentil
Vives em mim como uma filha, que és
Uma ilha de ternura; a Ilha
Brasil, talvez.

(Pátria minha - Vinícius de Moraes)
(Fundo musical: Invocação em defesa da Pátria - Villa Lôbos)

1789 - abril -

Desde há muito vinha aumentando o descontentamento e se fazia sentir a exploração.

De há muito, o desejo de libertar a Pátria. E se preparou a Inconfi - dência. Surgiram então os que se rebelavam contra um estado de coisas que

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0115, p. 6

não devia continuar.

Mas todo movimento de libertação traz em si, além do entusiasmo / e da alegria, o gôsto da incompreensão e da oposição de muitos que têm opinião contrária.

.....

Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
entre sigilo e espionagem,
acontece a Inconfidência
E diz o Vigário ao Poeta:
"Escreva-me aquela letra
de versinho de Vergílio..."
E dá-lhe o papel e a pena.
E diz o Poeta ao Vigário,
com gramática prudência:
"Tenha meus dedos cortados,
antes que tal verso escrevam..."
Liberdade, ainda que tarde,
ouve-se ao redor da mesa.
E a bandeira já está viva,
e sobe, na noite imensa.
E os seus tristes inventores
já são réus - pois se atreveram
a falar em Liberdade
(que ninguém sabe o que seja).
Através de grossas portas,
sentem-se luzes acesas,
- e há indagações minuciosas
dentro das casas fronteiras.
"Que estão fazendo, tão tarde?
Que escrevem, conversam, pensam?
Mostram livros proibidos?
Lêem notícias nas Gazetas?
Terão recebido cartas
de potências estrangeiras?"
(Antigüidades de Nîmes
em Vila Rica suspensas!
Cavalo de La Fayette

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0115, p.7

saltando vastas fronteiras!
Ó vitórias, festas, flôres
das lutas da Independência!
Liberdade - essa palavra
que o sonho humano alimenta:
que não há ninguém que explique,
e ninguém que não entenda!)
.....

(Trecho do romance XXIV ou da Bandeira da Inconfidência - Cecília Meireles)

Mo.

Oi você que vem de longe
Caminhando há tempo
Que vem de vida cansada carregada pelo vento
Oi você que vem chegando } bis
Vá entrando e tome assento }
Desapeie dessa tristeza
Que eu lhe dou de garantia
A certeza mais segura que mais dia menos dia
No peito de todo mundo } bis
Vai bater a alegria }

...

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência a vossa!
Ai, palavras, ai, palavras
sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!

Sois de vento, ides no vento,
e quedais, com sorte nova!

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência a vossa!
Todo o sentido da vida
principia à vossa porta;
o mel do amor cristaliza
seu perfume em vossa rosa;

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0115, p. 8

sois o sonho e sois a audácia,
calúnia, fúria, derrota...

A liberdade das almas,
ai! com letras se elabora...
.....

"O amor de um ser humano por outro é talvez a experiência mais difícil para cada um de nós, o mais alto testemunho de nós próprios, a obra / suprema em fase da qual tôdas as outras são apenas preparações."

"Sempre haverá dor nas coisas. Mas não é o saber disso que um homem / deve se desesperar. O homem bom procurará tirar a dor das coisas. O homem tolo nem mesmo a notará, a não ser em si próprio. E o homem mau aumentará a dor nas coisas e a espalhará aonde quer que vá. Mas cada homem não tem culpa, pois o homem mau não menos que o homem tolo e o / homem bom, não pediu para vir aqui e não veio sòzinho, do nada, e sim / de muitos mundos e muitas multidões. Os maus não sabem que são maus,/ e são, portanto, inocentes. O homem mau deve ser perdoado todos os dias. Deve ser amado porque alguma coisa de cada um de nós está no pior homem do mundo e alguma coisa dêle está em cada um de nós. Ele é nosso e nós somos dêle. Nenhum de nós é separado de qualquer outro. A prece do camponês é minha prece, o crime do assassino é o meu crime."

(Sarayan)

Se vós não fôsseis os pusilânimes,
recordaríeis os grandes sonhos
que fizestes por êstes campos,
longos e claros como reinos;
contaríeis vossas conversas
nos lentos caminhos floreados,
por onde os cavalos, felizes
com o ar límpido e a lúcida água,
sacudiam as crinas livres
e dilatavam a narina,
sorvendo a úmida madrugada!

Se vós não fôsseis os pusilânimes,
revelaríeis a ânsia acordada

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0115,p.9

à vista dos córregos de ouro,
entre furnas e galerias,
sob o grito de aves esplêndidas,
com a terra palpitante de índios,
e a vasta algazarra dos negros
a chilrear entre o sol e as pedras,
na fáina aresta do cascalho.
Também pela vossa narina
houve alento de liberdade!

Se vós não fôsseis os pusilânimes,
confessaríeis essas palavras
murmuradas pelas varandas,
quando a bruma embaciava os montes
e o gado, de bruços, fitava
a tarde envôlta em surdos ecos.
Essas palavras de esperança
que a mesa e as cadeiras ouviram,
repetidas na ceia rústica,
misturadas à móvel chama
das candeias que suspendíeis,
desejando uma luz mais vasta.

Se vós não fôsseis os pusilânimes,
hoje em voz alta repetiríeis
rezas que fizestes de joelhos,
- súplicas diante de oratórios,
e promessas diante de altares,
suspiros com asas de incenso
que subiam por entre os anjos
entrelaçados nas colunas.
Aos olhos dos santos pasmados,
para sempre jazem abertos
vossos corações - negros livros.

Mas ai! fechastes vossas janelas,
e os escaninhos de móveis e almas
.....
.....
Em céus eternos palpita o luto

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0115, p.10

por tudo quanto desperdiçastes...
"Os pusilânimes!" - suspira
Deus. E vós, no fundo da morte,
sabeis que sois - os pusilânimes.
E fogo nenhum nos extingue,
para sempre vos recordardes!
Ó vós, que não sabeis do Inferno,
olhai, vinde vê-lo, o seu nome
é só - Pusilânimidade.

Co.

Enquanto espero eu canto
Se desespero eu canto
Enquanto vou eu canto
Na eterna volta eu canto
Me encanto de cantar
Se quando perdida eu canto
lá rá lá ...
Se não tem sentido o meu cantar
Qual sentido de não cantar
Se na manhã primeira eu não cantei
Na derradeira eu cantarei
Tôdas as buscas têm seu cantar
Todos os cantos são de encontrar
Canto, canto...

Vós, ó fantoches da vida embalados na onda sinuosa da alegria,
Enquanto milhões e milhões de pretos morrem de desalento fustigados pela chuva diabólica da miséria,
Que julgais que a minha voz há-de secar um dia finalmente no leito pedregoso dos meus lábios,
Escutai o som metálico do látego violento das minhas palavras libertas de grilhões nos pés!
Pode a brisa deixar de ouvir meu rude canto,
Pode o vento esconder-se nas furnas da solidão eterna quando eu erguer a voz aureolada do infinito,
Podem os regatos parar buscamente e a serenata nervosa e pura das suas águas,
Podem as montanhas ruir estrondosamente e sufocar meu grito,
Podem até os Céus deixarem de descer à Terra para ouvirem o badalar / sonoro da minha angústia,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0115, p-11

Que eu cantarei ainda! ... Que eu cantarei em ritmo desenfreado de avalanches de mundos em labaredas! ...
Vós, ó sombras apagadas para sempre nesta hora de ranger os dentes e de imprecações recalcadas,
Podeis aprisionar todos os pássaros de voz de fogo na férrea gaiola do esquecimento,
Podeis até amordaçar cruelmente as bocas dos grandes ideais,
Que eu cantarei ainda...., porque o meu canto rebentará a golpes de silêncio as próprias fronteiras da morte! ...

(Insurreição - Albuquerque Freire)

"E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante."

"Sofre ainda o mundo de tirania e opressão, da riqueza de alguns para a miséria de muitos, da arrogância de certos para a humilhação de quase todos. Sofre o mundo da transformação dos pés em borracha, das pernas em couro, do corpo em pana e da cabeça em aço. Sofre o mundo da transformação das mãos em instrumentos de castigo e em símbolos de força. Sofre o mundo da transformação da pá em fuzil, do arado em tanque de guerra, da imagem do semeador que semeia na do autômato com seu lança-chamas, de cuja sementeira brotam solidões.

A êsse mundo, só a poesia poderá salvar, e a humildade diante da sua voz. Parece tão vago, tão fatal! Não se trata de desencantá-la, porque creio na sua aparição espontânea, inelutável. Surgirá de vozes jovens fazendo ciranda em torno de um mundo caduco; de vozes de homens simples, operários, artistas, lavradores, marítimos, brancos e negros, cantando seu labor de edificar, criar, plantar, navegar um nôvo mundo; de vozes de mães, espôsas, amantes e filhas, procriando, lidando, fazendo amor, drama, perdão. E contra essas vozes não prevalecerão as vozes ásperas de mando dos senhores nem as vozes soberbas das elites. Porque a poesia ácida lhes terá corroído as roupas. E o povo então poderá cantar seus próprios cantos, porque os poetas serão em maior número e a poesia há de velar".

E no entanto é preciso cantar
Mais que nunca é preciso cantar
É preciso cantar prá alegrar a cidade...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0115, p-12

"É preciso trabalhar todos os dias pela alegria geral. É precisomaprender esta lição todos os dias e sair pelas ruas cantando e repartindo, a mão cristalina, a fronte fraternal", que

Festa de morto é ladainha
Mêdo de vivo é solidão...

"Não, a maior solidão é a dor ser que não ama. A amior solidão é a do ser que se ausenta, que se defende, que se fecha, que se recusa à participar da vida humana. A maior solidão é a do homem encerrado em si mesmo, no absoluto de si mesmo, e que não dá a quem pede o que êle pode dar de amor, de amizade, de socorro. O maior solitário é o que / tem mêdo de amar, o que tem mêdo de ferir e de ferir-se, o ser casto / da mulher, do amigo, do povo, do mundo. Êsse queima como uma lâmpada triste, cujo reflexo entristece também tudo em tôrno. Êle é a angústia do mundo que o reflete. Êle é o que se recusa às verdadeiras fontes da emoção, as que são o patrimônio de todos, e,,encerrado em seu duro privilégio semeia pedras do alto da sua fria e desolara tôrre."

(Vinicius)

Era êle que erguia casas
Onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas
Êle subia com as casas
Que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia, por exemplo
Que a casa de um homem é um templo
Um templo sem religião
Como tampouco sabia
Que a casa que êle fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão.

De fato, como podia
Um operário em construção
Compreender que um tijolo
Valia mais que um pão?
Tijolos êle empilhava

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0115,p.13

Com pá, cimento e esquadria
Quanto ao pão, êle o comia...
Mas fôsse comer tijolo!
E assim o operário ia
Com suor e com cimento
Erguendo uma casa aqui
Adiente um apartamento
Além uma igreja, à frente
Um quartel e uma prisão:
Prisão de que sofreria
Não fôsse, eventualmente
Um operário em construção.

Mas êle desconhecia
Êsse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pãp
O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
- Garrafa, prato, facão -
Era êle quem os fazia
Êle, um humilde operário,
Um operário em construção.
Olhou em tôrno: gamela
Banco, enxêrga, caldeirão
Vidro, parede, janela
Casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
Era êle quem o fazia
Êle, um humilde operário
Um operário que sabia
Exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento
Não sabereis nunca o quanto
Aquêle humilde operário

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0115, p. 14

Soube naquele momento:
Naquela casa vazia
Que êle mesmo levantara
Um mundo nôvo nascia
De que sequer suspeitava.
O operário emocionado
Olhou sua própria mão
Sua rude mão de operário
De operário em construção
E olhando bem para ela
Teve um segundo a impressão
De que não havia no mundo
Coisa que fôsse mais bela.

Foi dentro da compreensão
Dêsse instante solitário
Que, tal a sua construção
Cresceu também o operário.
Cresceu em alto e profundo
Em largo e no coração
E como tudo que cesce
Êle não cesceu em vão
Pois além do que sabia
- Exercer a profissão -
O operário adquiriu
Uma nova dimensão:
A dimensão da poesia.

E um fato nôvo se viu
Que a todos admirava:
O que o operário dizia
Outro operário escutava.
E foi assim que o operário
Do edifício em construção
Que senpre dizia sim
Começou a dizer não.
E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:
Notou que sua marmita
Era o prato do pratão
Que sua cerveja preta

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0115, p.15

Era o uísque do patrão
Que o seu mamacão de guarte
Era o terno do patrão
Que o casebre onde morava
Era a mansão do patrão
Que seus dois pés andarilhos
Eram as rodas do patrão
Qua a dureza do seu dia
Era a noite do patrão
Que sua imensa fadiga
Era amiga do patrão.

E o operário disse: Não!
E o operário fêz-se forte
Na sua resolução.

Como era de se esperar
As bôcas da delação
Começaram a dizer coisas
Aos ouvidos do patrão.
Mas o patrão não queria
Nenhuma preocupação.
- "Convençam-no" do contrário -
Disse êle sôbre o operário
E ao dizer isso sorria.

Dia seguinte, o operário
Ao sair da construção
Viu-se súbito cercado
Pos homens da delação
E sofreu, por destinado
Sua primeira agressão.
Teve seu rosto cuspido
Teve seu braço quebrado
Mas quando foi perguntado
O operário disse: Não!

Em vão sofrera o operário
Sua primeira agressão
Muitas outras se seguiram
Muitas outras seguirão.
Porém, por imprescindível

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0115, p 16

Ao edifício em construção
Seu trabalho prosseguia
E todo o seu sofrimento
Misturava-se ao cimento
Da construção que descia.

Sentindo que a violência
Não dobraria o operário
um dia tentou o patrão
Dobrá-lo de modo vário.
De sorte que o foi levando
Ao alto da construção
E num momento de tempo
Mostrou-lhe tôda a região
E apontando-a ao operário
Fêz-lhe esta declaração:
- Dar-te-ei todo êsse poder
E a sua satisfação
Porque a mim me foi entregue
E dou-o a quem bem quiser.
Dou-te tempo de lazer
Dou-te tempo de mulher.
Portanto, tudo o que vês
Será teu se me adorares
E, ainda mais, se abandonares
O que te faz dizer não.

Disse, e fitou o operário
Que olhava e que refletia
Mas o que via o operário
O patrão nunca veria.
O operário via as casas
E dentro das estruturas
Via coisas, objetos
Produtos, manufaturas.
Via tudo o que fazia
O lucro do seu patrão
E em cada coisa que via
Misteriosamente havia
A marca de sua mão.
E o operário disse: Não.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0115, p.17

- Loucura! - gritou o patrão
Não vês o que te dou eu?
- Mentira! - disse o operário
Não podes dar-me o que é meu.

E um grande silêncio fêz-se
Dentro do seu coração
Um silêncio de martírios
Um silêncio de prisão.
Um silêncio povoado
De pedidos de perdão
Um silêncio apavorado
Como o mêdo em solidão.
Um silêncio de torturas
E gritos de maldição
Um silêncio de fraturas
A se arrastarem no chão.
E o operário ~~disse~~ ouviu a voz
De todos os seus irmãos
Os seus irmãos que morreram
Por outros que viverão.
Uma esperança sincera
Cresceu no seu coração
E dentro da tarde massa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e esquecido
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção.

CO. i ci bê obá ! i ci bê obá!
Ave meu pai
O teu filho morreu } bis
Sem ter nação para viver
Sem ter um chão para plantar
Sem ter amor para colher
Sem ter voz livre prá cantar
É meu pai, morreu
É meu pai, morreu
Salve meu pai,
O teu filho nasceu } bis

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0115, p-18

E preciso ter fôrça para amar
E o amor é uma luta que se sonha
E preciso ter terra prá morar
E o trabalho que é teu,
Ser teu, só teu de mais ninguém
Ser teu, só teu de mais ninguém
Salve meu pai, o teu filho cresceu (bis)
E muito mais é preciso - não deixar
Que amanhã, por amor, possas esquecer
Que quem manda na terra tudo quer
E nem o que é teu bem vai querer dar
O bem não vai } bis
Não vai }
Salve meu pai, o teu filho viveu. (bis)

"Um arremêsso, uma disparada, uma flecha em direção do dinheiro, da fama, do luxo. O próprio prazer, mesmo na sua acepção inferior, deixou de ser grande estímulo à vida. O que caracteriza o mundo moderno é a máxima preponderância da vida exterior. O homem vive fora de si mesmo. O homem é o salão, é o jornal, é a usina, é o teatro, é a rua. Só não é êle próprio; só não é sua própria alma".

CO. Fiz meu rancho na beira do rio
Meu amor foi comigo morar
E na rêde, nas noites de frio
Meu bem me abraçava prá me agasalhar
.....
Nasci numa onda verde
Na espuma me batizei
Fui trazido numa rêde
Na areia me enterrarei
.....
Eu não tenho onde morar } bis
E por isso que moro na areia }
Eu nasci pequenininho
Como todo mundo nasceu
Todo mundo mora direito
Quem mora torto sou eu.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0115, p.19

DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

§ 1 - Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e consciência

"A tese de que os homens nascem iguais implica que todos partilham das mesmas qualidades humanas fundamentais, do mesmo destino básico de sêres humanos, de que todos têm o direito inalienável à liberdade e à felicidade. Significa, outrossim, que seu relacionamento é de solidariedade e não de dominação-submissão."

(Fromm - Mêdo à liberdade)

- Todo homem tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.
- Todo homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião.
- Todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão.
- Todo homem tem direito ao trabalho.
- Todo homem tem direito à instrução.
- Todo homem tem direito a um padrão de vida, capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário e habitação.

"Os últimos dias
Que a terra há de comer.
Mas não coma já.
.....
E cada instante é diferente, e cada
homem é diferente, e somos todos iguais.
No mesmo ventre escuro inicial, na mesma terra
o silêncio global, mas não seja logo.

Antes dêle outros silêncios penetrem,
Outras solidões derrubem ou acalentem
meu peito;
.....
O tempo de saber que alguns erros caíram, e a raiz
da vida ficou mais forte, e os naufrágios
não cortaram essa ligação subterrânea entre homens e coisas;
que os objetos continuam, e a trepidação incessante
não desfigurou o rosto dos homens;

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0115, p-20

que somos todos irmãos, insisto.

Em minha falta de recursos para dominar o fim,
entretanto me sinta grande, tamanho da criança, tamanho de tôrre,
tamanho da hora, que se vai acumulando século após século e causa vertigem,
tamanho de qualquer João, pois somos todos irmãos.
E a tristeza de deixar os irmãos me faça desejar
partida menos imediata. Ah, podeis rir também,
não da dissolução, mas do fato de alguém resistir-lhe,
de outros virem depois, de todos sermos irmãos,
no ódio, no amor, na incompreensão e no sublime
cotidiano, tudo, mas tudo é nosso irmão.

O tempo de despedir-me e contar
que não espero outra luz além da que nos envolveu
dia após dia, noite em seguida a noite, fraco pavio,
pequena ampola fulgurante, facho, lanterna, faísca,
estrêlas reunidas, fogo na mata, sol no mar,
mas que essa luz basta, a vida é bastante, que o tempo
é boa medida, irmãos, vivamos o tempo".

(Carlos Drummond de Andrade)

CO. Quando eu morrer, e é tão triste a gente ir
Alguém escreva para mim
Numa primavera qualquer
A palavra liberdade
Junto ao meu desespêro de acabar.

Na espuma verde
do mar
desenharei o teu nome,

Em cada areia
da praia
Em cada pólen
da flor
em cada gôta
do orvalho
o teu nome
deixarei gravado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0115, p. 21

No protesto salado
de cada homem ultrajado
em cada insulto
em cada fôlha caída
em cada bôca faminta
hei de escrever
o teu nome.

Nos seios férteis
das virgens
nos sorrisos perenes
das mães
nos dedos dos namorados
no embrião da semente
na luz irreal das estrelas
nos limites do tempo
hei-de uma esperança semear.
(Antônio Mendes Cardoso)

CO. Mas o dia vai chegar
E o mundo vai saber
Não se vive sem se dar.

"De nada vale discutir ideologias. Se tôdas se demonstram, tôdas também se opõem, e tais discussões fazem desesperar da salvação / do homem. Quando o homem, em tôda parte, ao redor de nós, expõe as mesmas necessidades."

"Muita luta aqui lutareis
Muita cruz e dor sofrereis,
Santos costumes guardareis,
Caminho estreito tomareis
E muita reza rezareis,
Enquanto aqui permanecereis:
Assim, depois, em paz sereis".

CO. Laia, ladaia, sabatana, ave maria
Por amor andei já
Tanto chão e mar
Senhor, já nem sai
Se o amor não é mais

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0115, p.22

Bastante prá vencer
Eu já sei o que vou fazer
Meu Senhor, uma oração
Vou cantar, para ver se vai valer.

"A História da humanidade é a história da crescente individuação, mas é também a da liberdade crescente. A busca da liberdade não é uma fôrça metafísica e não pode ser explicada por leis naturais; é a resultante necessária do processo de individuação e da expansão da cultura. Os sistemas autoritários não podem extinguir as condições fundamentais que dão lugar à busca da liberdade, nem podem êles, tampouco, exterminar a busca de liberdade que surge dessas condições".

(Fromm)

CO. Lá .....
Vê como anoite desceu
Como tudo morreu
Sem ter pena da gente;
Vê quanto olhar se fechou
Quanta voz se apagou
Sem dizer o que sente
Não vê
Quanta flor, quanta luz vai nascendo
Há tento amor que dar
Tanto prá ganhar, tanto o que fazer.

Sei ninguém deve chorar
Ninguém deve sonhar
Tanta coisa perdida
Sei que essa vida se faz
Só a gente é capaz
De mudar nossa vida.
Não sei quanto tempo é preciso esperar
Por igualdade, amor, liberdade, vida,
que vai nascer.
E o mundo inteiro, gantando, cantando,
Liberdade a nascer manhã. } bis

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0115, p.23

- Os estatutos do Homem -

Artigo I. Fica decretado que agora vale a verdade,
que agora vale a vida,
e que de mãos dadas,
trabalharemos todos pela vida verdadeira.

Artigo II. Fica decretado que todos os dias da semana,
inclusive as têrças-feiras mais cinzentas,
têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

Artigo III. Fica decretado que, a partir dêste instante,
haverá girassóis em tôdas as janelas,
que os girassóis terão direito
a abrir-se dentro da sombra;
e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro,
abertas para o verde onde cresce a esperança.

Artigo IV. Fica decretado que o homem
não precisará nunca mais
duvidar do homem.
Que o homem confiará no homem
como a palmeira confia no vento,
como ovento confia no ar,
como o ar confia no ~~xxxx~~ campo azul do céu.

Parágrafo único. O homem confiará no homem
Como um menino confia
em outro menino.

Artigo V. Fica decretadomque os homens
estão livres do jugo da mentira.
Nunca mais será preciso usar
a couraça do silêncio
nem a armadura de palavras.
O homem se sentará à mesa
com seu olhar limpo
porque a verdade passará a ser servida
antes da sobremesa.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0115, p.24

Artigo VI. Fica estabelecida, durante dez séculos,
a prática sonhada pelo profeta Isaías,
e o lôbo e o cordeiro pastarão juntos
e a comida de ambos terá o mesmo gôsto de aurora

Artigo VII. Por decreto irrevogável fica estabelecido
o reinado permanente da justiça e da claridade
e a alegria será uma bandeira generosa
para sempre desfraldada na alma do povo.

Artigo VIII. Fica decretado que a maior dor
sempre foi e será sempre
não poder dar-se amor a quem se ama
e saber que é a água
que dá à planta o milagre da flor.

Artigo IX. Fica permitido que o pão de cada dia
tenha no homem o sinal de seu suor.
mas que sobretudo tenha sempre
o quente sabor da ternura.

Artigo X. Fica permitido a qualquer pessoa,
a qualquer hora da vida,
o uso do traje branco.

Artigo XI. Fica decretado, por definição,
que o homem é um animal que ama
e que por isso é belo,
muito mais belo que a estrêla da manhã.

Artigo XII. Decreta-se que nada será obrigado nem proibido.
Tudo será permitido,
inclusive brincar com rinocerontes
e caminhar pelas tardes
com uma imensa begônia na lapela.

Parágrafo único: Só uma coisa fica proibida:
amar sem amor.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0115, p. 25

Artigo XIII. Fica decretado que o dinheiro
não poderá nunca mais comprar
o sol das manhãs vindouras.
Expulso do grande baú do mêdo,
o dinheiro se transformará em uma espada fraternal
para defender o direito de cantar
e a festa do dia que chegou.

Artigo final. Fica proibido o uso da palavra liberdade,
a qual será suprimida dos dicionários
e do pântano enganoso das bôcas.
A partir dêste instante
a liberdade será algo vivo e transparente
como um fogo ou um rio,
ou como a semente do trigo,
e a sua morada será sempre
o coração do homem.

(T. Melo)

5/8/67
im.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0115, p-26

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

RESERVADO

Do Censor Manoel Felipe de Souza Leão Neto

Ao Chefe do S.C.D.P.

Assunto: Parecer sôbre a Peça Teatral.

Senhor Chefe:

A Peça "VARIAÇÕES SÔBRE UM MESMO TEMA" representa uma compilação de trechos de vários autores, tendo como fundamento especial o sentido da palavra LIBERDADE.

Os autores da obra, todavia, escolheram frases e estrófes de profundo sabôr esquerdista - algumas das quais contrárias aos interêsses da segurança nacional.

Em diferentes momentos constatamos o desejo do autor, ou autores, em acender a "chama cívica do expectador" através frases e versos contundentes, autênticos "chavões" da propaganda subversiva.

Logo no início (pg.3) é feita uma alusão a pobreza da Pátria brasileira em têrmos de desrespeito. Diz a estrófe:

"Vontade de mudar as côres do vestido (auriverde) tão feias
de minha Pátria, de minha Pátria sem sapatos
E sem meias, Pátria minha
Tão pobrinha!
.....
Atento à fome em tuas entranhas
E ao batuque em teu coração.
Não te direi o nome, Pátria minha
Teu nome é Pátria amada, é patriazinha
Não rima com mãe gentil
Vives em mim como uma filha, que és
Uma ilha de ternura: a Ilha
Brasil, talvez

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0115, p. 27

Nas páginas 10, 11, 12, 13, 14, 15 e 16 encontramos um poema sôbre a verdadeira posição do operário frente ao mundo em que vive. Referida poesia, em várias estrófes, contém frases vivas da propaganda vermelha. Aí, o operário é considerado um perseguido, um explorado e um mártir nas mãos da elite dominante. Ele que trabalha dia e noite em pról do confôrto da sociedade...

Referida peça, de responsabilidade do Diretório Acadêmico "Nilo Peçanha", da Faculdade de Filosofia de Campos, Estado do Rio, nada mais representa do que uma PEÇA-PROTESTO - estilo novo implantado no cinema, no palco e na música popular por uma centena de falsos intelectuais, comprometidos com a ideologia marxista.

Assim sendo, somos inteiramente contrários a liberação da obra em aprêço, pois considerâmo-la nìtidamente subversiva.

Este o nosso ponto de vista, salvo melhor juizo da Douta Chefia.

Brasilia, 17 de agôsto de 1967.

Manoel Felipe de Souza Leão Neto
Censor Federal 2.126.224

P.S. - As frases e estrófes consideradas mais fortes estão Grifadas, a fim de melhor orientar a Chefia.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0115, p. 28

Diretório Acadêmico "Nilo Peçanha"

Orgão de Representação dos Alunos da

FACULDADE DE FILOSOFIA DE CAMPOS

CAMPOS — EST. DO RIO

Exmo. Sr.

Dr. ANTÔNIO ROMERO LAGO

Os presidentes dos Diretórios Acadêmicos das Faculdades de Filosofia, Direito e Serviço Social, sediadas em Campos, Estado do / Rio de Janeiro, juntando a êste, o texto de "Variações sôbre um mesmo tema", compilada por Izabel Maria de Freitas Sodré, vêm requerer/ V. Sª. se digne submetê-lo à competente censura para que, liberado,/ possa ser levado à cena pelo T.U.C.A.M. (Teatro Universitário Campista).

Nestes têrmos,
Pede deferimento
Campos, 5 de agôsto de 1 967

Maria Hermínia Souza
- Vice-presid. do Diret. Acad. Nilo Peçanha -

Claris Espedita Lemari
- Presid. do Centro Acad. José do Patrocínio -

Marise de Morais Carvalho
- Presid. do Diret. Acad. Maria Keil -
setor Norte-Fluminense-Campos

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em ____ de ____ de 19____

M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 4249
Em 17 / 8 / 1967

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0115, p. 29

Ao censor Souza Leão,
examinar e emitir parecer.

Em 10/08/67.
Maria R. Weitzel
Chefe da TETE.

A peça em questão não
tem condições de ser
liberada, pelas razões
expostas no relatório
anexo — em Tom
RESERVADO.

Em 17/8/67
Souza L.

Em vista do pare-
cer anexo, do Censor Sou-
za Leão, encaminho o presente
processo a essa Chefia, para
decidir.

Em 17-08-67.
Maria R. Weitzel
Chefe da TETE.

Atendendo a solicitação
do Chefe deste SCDP, encami-
nho ao censor José Augusto
Costa, a presente peça para

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0115,p.30/30

VARIAÇÕES

SÔBRE

UM

MESMO

TEMA